

OS TRAÇOS DA TEIMOSIA

De todas as palavras que compõem o hall de atos e emoções envolvendo o curso de Ciências do Estado da UFMG, talvez “Resistência” seja a que mais condiz com sua trajetória. Não poderíamos deixar de começar nossa explanação pelo movimento “Resistir e Consolidar” que ganhou: as ruas do centro de Belo Horizonte; o respeito do corpo docente da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG; o olhar atencioso da reitoria; o coração dos alunos; e, por fim, o maior objetivo presente no próprio nome do movimento. A “Resistência” e a “Consolidação” ainda nos anos iniciais de sua história representa um marco temporal ao curso de Ciências do Estado. Não poderíamos deixar de mencionar nossos agradecimentos a todos os alunos que participaram desse momento singular e tão importante ao curso.

“Resistência” não compõe também só o campo da ação. Ela também diz respeito ao perfil do estudante que “resiste” às provas que lhe são dadas diariamente. Os estudantes de Ciências do Estado resistem a alguns professores que não gostariam de lecionar aquela disciplina (“eu não devia ter faltado àquela reunião de distribuição de encargos”), resistem a todos os “nãos” de empresas e órgãos públicos (“o que esse curso faz? É tipo Gestão Pública?”), resistem ao natal em família (“meu sobrinho estuda na UFMG! Ele faz aquele curso... ei rapaz, como chama mesmo o seu curso?”), resistem também aos próprios sonhos, esperanças e expectativas (“o que vou fazer depois que formar?”). Nos habituamos a resistir.

Porém, a resistência não basta. Em qualquer arte marcial, a defesa e a esquiva não te fazem ganhar uma luta e, pior, se você não atacar, certamente, irá perder por falta de competitividade. Mas quando um lutador ataca e, por fim, ganha a luta, ele percebe que o resultado também só foi adquirido devido a sua competência em saber “Resistir”. Eis a pergunta que fica: o que é necessário para o ataque já que almejamos vencer essa luta? Antes é necessário explicar de qual “luta” estamos falando.

Podemos resumir em duas palavras o que é necessário para a excelência de um curso acadêmico: “iniciativa” e “vontade”. Tanto pode ser a iniciativa em querer se

candidatar para a coordenação de um curso ou a de fundar um Centro Acadêmico. Porém, de nada nos basta a iniciativa se não nos permitirmos ser guiados pela vontade, o que concede não só as aplicações práticas das iniciativas, como também os direcionamentos do que foi idealizado. A luta pela excelência de um curso de graduação envolve dimensões infinitas: burocráticas reuniões administrativas, disputas estudantis diárias, articulações políticas e, claro, um olhar sensível ao âmbito científico.

A REVICE – Revista de Ciências do Estado faz parte desse último quesito explicitado para a busca da excelência. Ela partiu tanto da “Iniciativa” quanto da “Vontade” de alguns alunos do curso. É importante ressaltar que sua “idealização” não foi um mérito da atual Equipe Editorial. Desde a fundação do curso de Ciências do Estado na UFMG, já se falava da criação de uma revista científica. Mas convenhamos que ter uma “ideia” de se criar uma Revista Científica sobre um curso não é uma das ideias mais difíceis de pensar, não é mesmo? A aplicação da ideia só veio a ser realizada por seis alunos. Tivemos aqueles que nos desestimularam a concretizá-la. Ouvimos críticas que só serviam para encher egos e diversas outras maneiras de diminuir a revista com um jeito especial que apenas as imaginações mais férteis daqueles que compõem a Faculdade de Direito e Ciências do Estado podem nos brindar.

Desde a vontade para criação da Revista até a formação da primeira Equipe Editorial, tivemos, aproximadamente, uma semana. Um representante autônomo (Lucas Parreira Álvares); duas representantes do Centro Acadêmico de Ciências do Estado (Caroline Cunha Rodrigues e Marina Silveira Marques); um representante do CRT (Lucas Mendes De Faria Rosa Soares) e um representante dos egressos (Bernardo Supranzetti de Moraes). A obviedade e a espontaneidade nos trouxeram mais um representante: Arthur Barretto de Almeida Costa, que, inicialmente, seria uma espécie de “consultor” da REVICE, mas tornou-se parte da Equipe Editorial por sua importância em nossas reuniões.

Veio, então, nossa primeira reunião e um discurso permeava nossos objetivos: “não basta a produção ‘de’ Ciências do Estado, mas sim ‘em’ Ciências do Estado”. Tínhamos então uma primeira proposta de edição temática: “Ciências do Estado: trajetórias e perspectivas”. Começou ali uma grande articulação para reunir aquilo que já havia sido

produzido sobre o curso, além de incentivar outras possibilidades de publicações. Os esforços deram resultados. Eis a apresentação dos textos que compõem a edição inaugural da nossa revista.

O aluno Lucas Parreira Álvares escreveu o artigo "Uma breve história das Ciências do Estado", apresentando, através de uma pesquisa histórica, a hipótese de que as Ciências do Estado surgiram a partir de três pilares: Ciências Cameraias, Ciências de Polícia e a Razão de Estado. Com uma perspectiva diferente, João Protásio Farias Domingues de Vargas, através do artigo "Algumas reflexões sobre as Ciências do Estado" apresenta a "Ciências do Estado" como uma ciência do Século XXI, através de fundamentos teóricos, fenomenológicos e práticos. Esses dois artigos levantam as primeiras questões fundamentais para a disputa científica do curso.

A metodologia foi alvo de dois artigos com mais consonâncias do que dissensos. O artigo "Percepção discente sobre metodologias de ensino na graduação do curso de Ciências do Estado da UFMG (2009-2013)", de autoria da egressa Thelma Yanagisawa Shimomura e da professora Maria Tereza Fonseca Dias, apresenta uma pesquisa empírica com aplicação de questionário aos alunos do curso de Ciências do Estado da UFMG. Já os egressos e pós-graduandos Pâmela de Rezende Côrtes e Rodrigo Badaró de Carvalho, através do artigo "Pensar uma outra Universidade: contribuições da experiência do bacharelado em Ciências do Estado – UFMG", analisam a trajetória metodológica do curso de Ciências do Estado da UFMG, sobretudo sob a perspectiva das dificuldades enfrentadas pelas ideias de Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade. O olhar discente foi fundamental para a confecção desses dois artigos.

Contudo, essa edição não se resumiu a artigos. Além deles, tivemos três relatos de experiências que foram e são fundamentais para o curso de Ciências do Estado. Não se poderia ter uma edição íntima sem as três transversalidades importantes para o curso: a Secretaria, o Estágio Docente, e o Centro Acadêmico. O principal funcionário do colegiado do curso, Ricardo Antônio Cornélio, agraciou a edição fundacional da revista com o relato "Ciências do Estado: uma visão técnica", no qual dispõe sobre as dificuldades técnicas de criação do curso, bem como de toda a trajetória do Colegiado até então. Pedro Augusto Gravatá Nicoli, Bernardo Supranzetti de Moraes, Rodrigo Badaró de Car-

valho, Júlia Ávila Franzoni e Maria Sandrelise Gonçalves Chaves foram os responsáveis por apresentarem experiências vividas pelos estagiários docentes do curso de Ciências do Estado ao longo dos seus anos de existência, através do relato "Estágio de Docência em Ciências do Estado: diretrizes, memórias e vivências". Já a história e trajetória do Centro Acadêmico de Ciências do Estado, o CACE, ficaram a cargo de Vinicius Brener Brandão, Thelma Yanagisawa Shimomura, João Lucas Ribeiro Moreira e Lucas Parreira Álvares que se propuseram a recuperar e analisar o processo de constituição do Centro Acadêmico do curso, bem como perpassar as gestões que atuaram no CACE desde sua fundação até o ano de 2015, através do artigo "Resistir e Consolidar: história e trajetória do Centro Acadêmico de Ciências do Estado (CACE)". Um alerta: esses relatos podem acentuar níveis emocionais.

Até então, tivemos algumas personalidades fundamentais para a criação e consolidação do curso de Ciências do Estado na UFMG. Três delas estão presentes em nossa edição inaugural na posição de entrevistados. O professor Marcelo Andrade Cattoni de Oliveira foi o primeiro coordenador do curso de Ciências do Estado (sua primeira nomeação ocorreu no ano de 2009) e foram apresentadas suas experiências e dificuldades numa breve, porém importante, entrevista. O processo de disputas da criação do curso foi representado pelas entrevistas com a professora Miracy Barbosa de Sousa Gustin e o professor José Luiz Borges Horta, apresentando-se as mesmas questões para os referidos entrevistados. Miracy apresentou, de maneira cuidadosa, suas intervenções e propostas inovadoras para o projeto pedagógico do curso, metodologias e, é claro, o percurso de Governança Social. Já José Luiz Borges Horta descreveu com exatidão todas as dificuldades iniciais de criação do curso, suas concepções e contribuições numa bela e detalhada entrevista. Certamente, esse ciclo de entrevistas compõem elementos fundamentais para se compreender as dificuldades administrativas e pedagógicas do curso de Ciências do Estado.

Com esta edição publicada, acreditamos que a Revista de Ciências do Estado constitui-se como a maior contribuição acadêmica para o curso, até então. É importante ressaltar que esse projeto é uma iniciativa dos alunos do curso e para o curso. Nenhuma outra graduação do REUNI possuiu uma experiência semelhante à que estamos tendo com essa revista. Temos como sonho romper barreiras e explorar o que cada Cientista

artigos

do Estado tem a oferecer para a comunidade científica e a sociedade.

As próximas edições irão nos fornecer dimensões do que poderemos alcançar e, acima de qualquer coisa, do quanto avançaremos para a busca da excelência. Manifestamos também nosso desejo de que haja incentivos para uma maior produção “em” Ciências do Estado. Esses incentivos poderão se dar desde a criação de projetos de pesquisa e grupos de estudos que trabalhem com o tema, até a tão sonhada pós-graduação em Ciências do Estado que seria um instrumento fundamental para o que estamos aqui propondo.

Por fim, esperamos que a iniciativa da REVICE impulse “vontades” compartilhadas em busca de um futuro mais promissor, afinal, nossa história é ainda muito jovem para vivermos de nostalgia.

UMA BREVE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS DO ESTADO¹

A BRIEF HISTORY OF THE STATE SCIENCE

Lucas Parreira Álvares²

RESUMO

O presente artigo pretende analisar o surgimento, bem como o desenvolvimento das Ciências do Estado no século XVIII, em sua origem na Alemanha, numa hipótese que atravessa três pilares fundamentais: as “Ciências Camerais”, a “Ciência de Polícia” e a “Razão do Estado”, essa última, fundamental corrente filosófica do início da Modernidade. Assim, traçar-se-á parâmetros para o contexto de desafios atuais predispostos às Ciências do Estado através de uma relação entre duas experiências específicas de tal disciplina - uma europeia, e outra brasileira – por meio de comparações curriculares, e de perfil do egresso.

PALAVRAS-CHAVE: Ciências do Estado, Ciências Camerais, Ciência de Polícia, Razão de Estado.

ABSTRACT

This article analyzes the appearance and development of the State Sciences during the eighteenth century, originated in Germany, in a hypothesis that runs through three main pillars: the “Cameral Sciences”, the “Police Science” and the “Reason of State”, the last one a fundamental philosophical movement from the beginning of modernity. Thus, will be traced parameters to the contexto of the current challenges predisposed to the State Sciences through a relationship between two specific experiences of this discipline – na european and a brazilian – through curriculum comparisons and egress profile.

KEYWORDS: State Sciences; Cameral Sciences; Police Science, Reason of State.

¹ Dedico esse artigo a todas e todos aqueles com quem dividi discussões, conflitos e amizades nesses 4 anos de curso. Vocês foram a força motriz que fizeram esse trabalho acontecer.

² Graduando em Ciências do Estado pela UFMG.